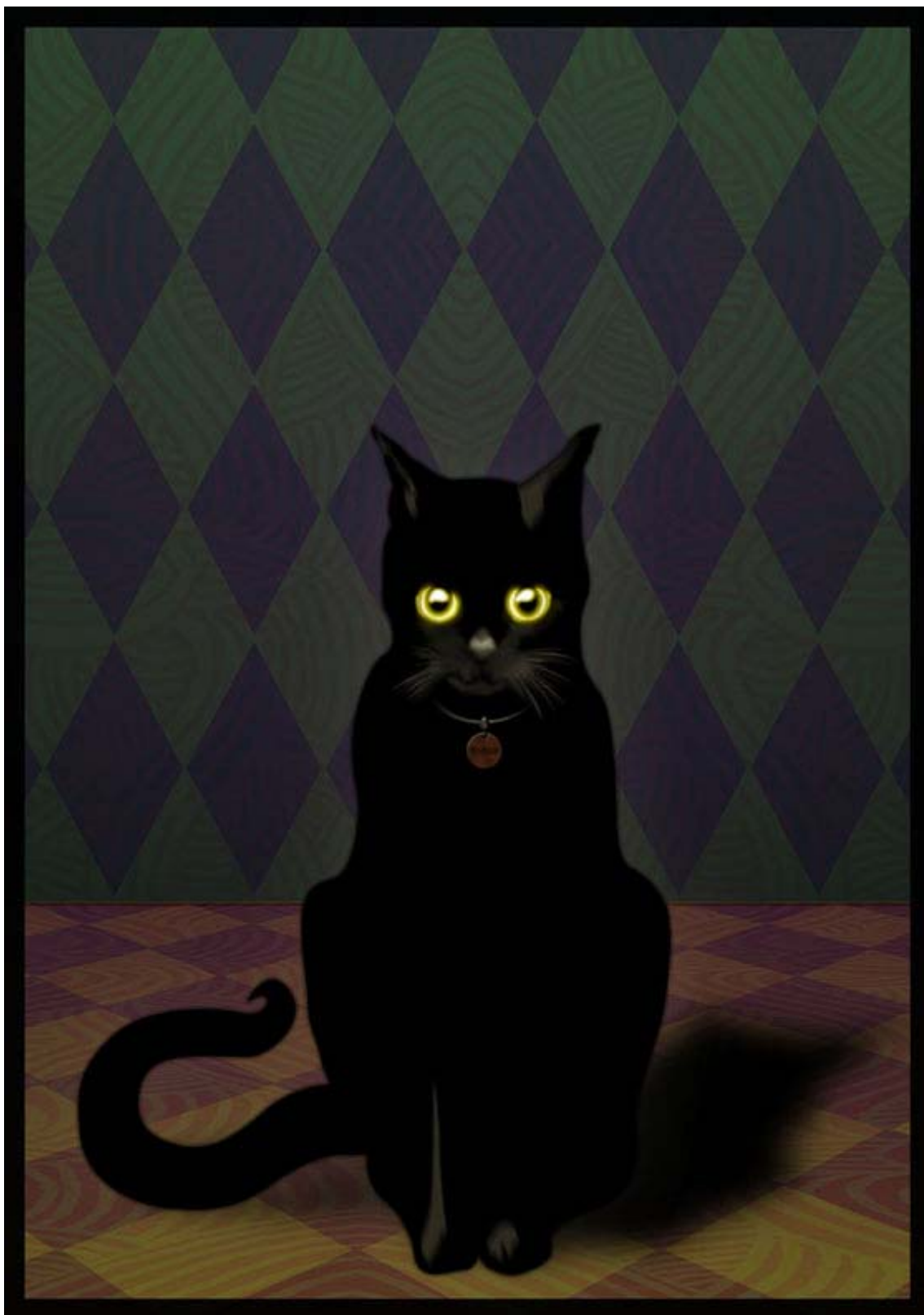


Suzo Bianco



São Paulo – SP – História originalmente escrita em 2010, editada em 2012 pelo próprio escritor. – BOM DIA SR. DIMAS é um conto de ficção, fruto da imaginação do autor, nenhum acontecimento, personagem ou lugar descrito trata-se de um relato verídico. Qualquer semelhança, que possa haver com a vida real de outrem, é mera coincidência. As ideologias e crenças das personagens não especificamente retratam as do autor.

Esta obra não pode ser reproduzida, nem comercializada sem a autorização direta e explícita de Suzo Bianco Evangelista vide a lei que protege os direitos intelectuais e artísticos do autor. Para contato com o autor desta obra: [suzobianco@hotmail.com](mailto:suzobianco@hotmail.com)

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Suzo Bianco

Suzo Bianco

Um conto de Suzo Bianco

# **Bom Dia Sr. Dimas!**

1

**C**huta pro gol, seu cambota! – Gritou Lucas para a tevê da sala social. Assistia ao futebol do campeonato brasileiro pela televisão. Um pequeno aparelho pendurado num canto da parede pintada com tinta verde-bebê, que já se descascava em muitos lugares. Alguns de seus amigos o faziam companhia, não que tivessem escolha, mas de qualquer forma, não era desagradável. Uns riam, num ruído chiado, daqueles gritos eufóricos do torcedor roxo, outros olhavam enfezados, porém ainda existiam aqueles que nem se quer notavam que estavam ali... Ah, a idade... Entre tanto, que a verdade seja dita, futebol era futebol e sempre que podiam, acompanhavam o esporte. *Não se tinha muito que fazer naquele inferno de lugar.* O chute do atacante foi péssimo. – Ah! Seu mané deteriorado! – Desabafou com um movimento enfezado das mãos enrugadas e manchadas de sardas acumuladas pelo tempo. – Vai ser ruim assim lá na casa do car...

- Calma Lucão! – Riu Luiz, um velhinho negro e simpático. Usava sempre um chapeuzinho de jogador de golfe e um par de óculos enormes de quatro graus. Uma jaqueta de moletom branca e velha era sua eterna companheira junto a uma calça de mesmo tecido, cinza. Só trocava de camiseta, tinha três e todas listradas. Uma vermelha, outra azul e uma laranja. Todas desbotadas. Luiz ria sempre de qualquer coisa, apesar da boca quase sem dentes... Definitivamente havia abandonado a vaidade há muito tempo, nem se quer ligava muito pra dentaduras. Alguns diziam que não regulava muito bem, porém seus amigos mais chegados pensavam de outro modo... “Ele era o mais sábio dali, talvez...” – Isso é só um jogo velhote. Não vai morrer de enfarte por causa disso. – E riu de novo.

- Ora! Vá pro inferno seu velho banguelo! – Descontou, mas também riu junto. Lucas era bem humorado quando podia. Um senhor com seus oitenta e dois anos de vida e com um problema grave... Sofria do coração.

Lucão tinha o cabelo branco como neve, mas ainda cheio na cabeça. Não usava óculos e nem bengala, fora um esportista em sua juventude desde antes de ter filhos, os mesmos que o colocaram ali, e hoje colhia os frutos de uma vida regrada e saudável, apesar de tudo. – Se eu não puder nem xingar um perna torta desses, já não vai valer a pena nem se quer ver esta merda! – Comentou sentado em sua cadeira redobrável.

Haviam treze idosos sentados assistindo a TV e quatro enfermeiros trajados de branco em pé nos cantos espiando a situação. A maioria dos pacientes nem ligava para o que passava no aparelho, só queria entreter a mente e afastá-la da crua realidade. Eram solitários e carentes. Quase não se via parentes por ali.

A sala social do asilo era pequena e equipada praticamente apenas por uma janela de vidro granulado que bloqueava boa parte da luz do sol, além das portas que estavam frequentemente abertas. O ar fresco – frio pra eles – circulava sem problemas dando a possibilidade de uma pneumonia a qualquer momento. Já haviam reclamado, não uma nem duas, mas incontáveis vezes. Nada. Nada adiantou. Os enfermeiros não se importavam e o diretor também não, muito menos os parentes que conseguiram se livrar de seus ‘problemas’ familiares.

Uma pena. Um descaso. Era o que pensavam...

Passeio ao sol era raro. Quase não saiam dali, deviam sempre fazê-lo acompanhados, mas nenhum funcionário se disponibilizava a isso.

Uma lástima. Uma droga.

Lucas tinha como passa-tempo conversar com o amigo Luiz e vice-versa. Tinham apenas um ao outro. Os outros idosos da Casa de Fátima para Idosos se viravam de modo semelhante, ou nem assim.

O exemplo de Dona Julia, sofria de quase todo mal que poderia assolar alguém nos últimos anos de vida. Vivia deitada em seu quarto à espera de seus netos que há muito não a visitavam. Também Jorginho, um velhinho de oitenta e quatro anos que sofria do Mal de Ausaimer, mesmo assim, ou por isso, nunca deixava de visitar a imitação de jardim na ala onde deveria ser o solar do asilo... Alguns diziam que ele fazia essas visitas todos os dias porque se esquecia do fato de tê-las feitas no dia anterior, e de constatar, sempre, que ali as plantas eram de plástico. Péssima brincadeira, mas era o tipo de piada que os enfermeiros faziam o tempo inteiro. Aqueles abutres.

Falando-se deles, é bom deixar claro uma coisa; quando se é contratado para cuidar de idosos carentes é preciso, antes de tudo, ter um bom coração e muita paciência. Contudo os miseráveis seres que vigiavam a casa como carcereiros do inferno mal sabiam o que significava ‘paciência’ ou ‘bom coração’. Exato e assim mesmo. Pode parecer exagero qualquer coisa que seja dita aqui, na época em que me contaram tudo isso eu mesmo não pude botar fé, mas aconteceu. Na hora achei que não passava de uma história de um velhote de muita imaginação querendo atenção... Engano meu.

Eu mesmo tive a intenção de colocar meu pai naquela casa... Desse modo foi quando conheci o senhor Luiz. Queria conhecer o lugar onde estava pondo meu pai, não seria bom descobrir que seria uma péssima coisa para ele. E essa ideia, deixando bem claro, fora dele. Queria privacidade. Nunca fui muito simpático ao fato de ver meu pai sozinho e sentindo-se abandonado num lugar onde provavelmente apenas os sonhos seriam seus amigos. Mas insistiu... Os enfermeiros me pareceram simpáticos, e eram de fato. Luiz me disse que todo o pessoal foi trocado. Incluindo o antigo diretor. Tudo por causa do que aconteceu. E este acontecimento é o que pretendo contar... Por que? Ora, se eu não disser isso a alguém, vou me sentir como se eu mesmo estivesse vivendo num asilo... Sozinho!

## 2

Tudo começou quando o senhor Lucas, o homem que gritava com a tevê, voltou pro seu quarto de noite, sentou-se em seu colchão duro e chorou. Que vida era aquela, depois de tantos anos de trabalho duro na fábrica de barras de aço...? Tudo bem. Seu filho tinha se dado melhor na vida e pôde ter coisas melhores, dinheiro pra esposa e filhos, incluindo poder deixar seu papai ali. Ingrato.

Estava naqueles dias em que toda nossa consciência nos cobra alguma atitude para melhorar nossa situação e nos deparamos em completa impotência. Fazer o quê? O que podia ele mesmo fazer para melhorar os dias entediantes naquele asilo? Talvez a visita de seu filho ajudasse, e teria de ser espontânea, caso contrário, do que adiantaria...? Queremos todos ser amados não?

Mas nunca acontecia.

Simple assim, como a crueldade era.

Cruel...

O que vocês achariam de viver toda a vida em busca de um futuro bom e confortável, trabalhar em empregos idiotas e desconfortáveis em busca de seus objetivos, conseguir se casar com alguém amável – quando se consegue isso – ter e criar seus filhos. Sustentá-los, e a si próprio. Manter a sanidade intacta com todas as intempéries dos anos a fio e no final ser posto de lado de tudo que construiu, só pelo motivo óbvio e premiado de estar velho?

Velho?

Velho para quê?

Pra viver? Ora se assim fosse já teria morrido. Quem é o ser humano que se diz mais esperto ou sábio do que Deus?

Ser idoso é ser incapaz?

Tudo era uma grandiosa besteira, uma besteira enorme. Fato. Mas na cabeça da maioria dos enfermeiros da Casa de Fátima, ser idoso significava ser um problema para todos. Mesmo que ganhassem para cuidar deles...

Jonathan era o enfermeiro chefe, ou coordenador geral do asilo. Um homem gordo – se seus pacientes eram *velhos*, não idosos, Jonathan era *Gordo* para nós, nada de obeso – caucasiano e preguiçoso. Só o que fazia era espiar o serviço de seus subordinados. Era sobrinho do primo do dono do asilo, e isso facilitava sua vida ali. *Sua gulosa e sedentária vida*. De todos era o mais crápula. Se dependesse dele, queimava aquele lugar inteiro, com os idosos juntos, claro, se com isso recebesse o dinheiro do seguro. Mas era só um funcionário... E dos maus.

Uma vez, num dia do qual Luiz não se lembrava muito bem, um paciente jurava ter visto o imbecil conversar despreocupadamente enquanto

segurava a cadeira de rodas de dona Margarida, que naquele momento parecia sufocar com algo invisível. A mulher colocava a mão frágil e trêmula no peito e ofegava muito. Mas o gordo não parava de tagarelar sorridente com uns dos enfermeiros.

Depois de incontáveis minutos desesperados, ele notou o que estava acontecendo. Parou de conversar, se despediu do colega calmamente, ainda fazendo piadas sem sentido, olhou para dona Margarida e disse:

- O que é que a senhora quer desta vez? – Reprendendo-a rudemente. Foi para frente dela e apontou-lhe o dedo rechonchudo. – Escute aqui velhinha, se não me ajudar, não *vou poder te ajudar*, está me entendendo? – A senhora o olhava assustada sem poder falar, agora pressionando o pescoço enrugado pela idade. – O que? – Colocava a mão em concha na orelha e gritava pra ela. – O que? Não sabe falar é? Sua velha escrota...

Jonathan voltou a guiá-la pelo corredor desleixadamente até o quarto da paciente. Apenas Arthur, um velhinho melancólico viu a coisa. Ele avisou o diretor, que simplesmente o ignorou. – Está bem, está bem, agora me deixe em paz! – Foi o que o crápula disse.

Ninguém mais fez nada, ninguém mais tinha coragem de dizer alguma coisa...

O pior foi ouvir Arthur comentar o caso apenas dois dias após a morte, “natural”, de Margarida. Pelas contas do povo, aquilo ocorreu justamente no dia anterior ao seu falecimento.

Não podiam provar, e mesmo se pudessem, não tinham com quem reclamar. Como já foi dito, ‘nada de parentes saudosos ali...’

Lucas via este tipo de coisa acontecer com uma frequência desagradável. Nada podia ser pior para almas cansadas do que serem tratados como lixos descartáveis. Ou podia?

Não queria sequer cogitar esta ideia.

Bem nesta noite, concentrado em seus melancólicos e nostálgicos pensamentos, ele ouviu algo vindo da janela. No escuro do seu quarto foi fácil notar uma silhueta felina do lado de fora da vidraça graças à luminosidade dos postes de luz da rua lá fora.

Um gato?

Levantou-se preguiçosamente e com um mal estar na coluna a muito inflexível, dirigiu-se à janela de correr e a abriu com certo esforço. “Janelas velhas numa casa velha para senhores velhos... Fazia todo sentido do mundo”. Pensou enfezado...

- Ora, ora, ora... – Riu ele ao ver o gatinho negro como piche e de olhos amarelos como ouro incandescente parado ali no parapeito. Seu quarto ficava no segundo andar, nem se perguntou como o bicho conseguiu chegar até ali, gatos eram o que eram. Gatos.

Pegou o animal carinhosamente e o colocou encima de sua cama acariciando-o. O bicho estava levemente machucado no focinho e na

barriga, parecia com medo, pois tremia muito. Mas poderia ser do frio... Ou da dor... Quem sabe?

Acendeu a luz do quarto para ver melhor a criaturinha.

- Está com medo? – Perguntou Lucas rindo. – Não fique! Não vou lhe fazer mal algum... Vou cuidar de você... Bem... Se você me permitir essa cortesia.

O gato apenas miou inerte em seus pensamentos instintivos e fechou os olhos, fez um círculo em si mesmo e deitou-se abatido. Ainda tremendo.

- Está cansado... Entendo... Mas acho que não vai poder dormir na minha cama, amigo... – Lucas notou que o gato usava uma coleirinha de couro equipada com um identificador circular de madeira polida e esmaltada. Na peça lia-se: Dimas.

- Então seu nome é Dimas?! – Pegou-o no colo mais uma vez e o encostou ao pé de sua cama. Voltou, apanhou um lençol velho que usava para cobrir a escrivaninha e cobriu o animal que já parecia cochilar. – Tome! Assim o senhor vai dormir melhor... Amanhã bem cedo lhe trago algo para comer e beber, está bem assim?

Silêncio. O gato parecia ter morrido. Estava mesmo exausto.

Era bem provável que tivesse fugido de casa e que seus donos estivessem atrás dele esta hora... Se estivessem mesmo, procurariam pela vizinhança, e o asilo não passaria despercebido. Até lá, Dimas ficaria bem e engordaria se dependesse de Lucas.

### 3

- Luiz! – Lucão chamou aos sussurros o seu amigo, que comia um pão amanhecido com manteiga, no refeitório. Acordou bem cedo e assim que entrou na sala de alimentação dirigiu-se ao velho negro que ainda parecia com muito sono. Deu-lhe um cutucão. – Luiz! Você não vai acreditar no que vou lhe contar velhote! – Lucas parecia radiante demais para estar ‘normal’ aquele dia.

Luiz se virou para ele e apenas acenou para que sentasse à mesa como os demais. Todos que podiam andar estavam lá, e os que não podiam esperavam uma boa alma para levar-lhes o pão ‘quase’ nosso de cada dia entediante. Os enfermeiros deveriam fazer o trabalho, mas desde que deixaram de fazê-lo, os próprios pacientes, os mais saudáveis, tomaram a necessária iniciativa.

- Ontem à noite um amigo meu veio me visitar! – Começou assim, olhando para os lados, atento ao corpo de funcionários. Luiz ainda “mastigava” lentamente seu pedaço de pão molhado no café com leite. –

Um gatinho preto! – Contou simulando o tamanho com as mãos próximas uma da outra.

- Um gato preto? – O senhor de óculos deixou o pedaço seco na mesa e apontou-lhe o dedo com a feição preocupada. – Escute Lucão. Gatos pretos dão azar... – Deu um gole na bebida suja de miolos de pão. – Todo mundo sabe disso!

- Besteira, velho, não me chateie... – Inclinou-se para o amigo. – E digo isso com certeza. O inacreditável eu ainda não lhe contei... – Voltou-se à posição original, sua coluna reclamou. – Mas antes preciso mostrá-lo para você... Se ele permitir, eu lhe conto... – Levantou-se.

- Aonde você vai? – Perguntou entre as tentativas desastrosas de mastigar um pão molhado.

- Vou pegar meu café da manhã, já volto. – Lucas foi até a porta da cozinha, onde Tina servia a bandeja com a comida. Logo voltou satisfeito sendo seguido por olhares curiosos de Jonathan. – Pronto!

- Me conte... Quem tem que permitir o “quê” pra me contar o que quer me contar? – Isso saiu de uma vez. Luiz quase engasgou com a comida na boca.

- Ora, quem mais seria? – Arrancou um naco de seu pão e o enfiou inteiro na boca. Era algum tipo de provocação inconsciente, tanto que Luiz o olhou invejado. – O gato!

- O gato? Como assim o gato?

- Vou lhe dizer assim que o gato deixar... – Deu de ombros e sorriu. Luiz o encarou com *aquela* olhar... – Posso parecer louco, mas assim que lhe contar e provar o que me ocorreu você vai entender o que quero... – Parou de repente, interrompido pelo forte tapa na nuca que recebeu, fazendo-o cuspir o que comia.

- Está tagarela hoje em velho? – Brincou o gordo, do qual já conhecemos bem os métodos de trabalho. – Vê se para de falar um pouquinho, sua voz está começando a me irritar! – E depois de algumas risadas acompanhadas pelas dos colegas, saiu empertigado do refeitório.

Todos os velhinhos encararam Lucas, silenciosos e com olhos incrédulos. Apenas dona Gertrude, que não batia bem das ideias, riu muito daquilo. Com um urso de pelúcia no colo e sentada na sua cadeira de rodas, ao lado da porta, guinchava soluços eufóricos como se tivesse presenciado algo muitíssimo engraçado...

Luiz o observava ainda de boca aberta enquanto Lucão olhava para o pedaço mal mastigado do pão na mesa, aquilo deveria estar descendo pela sua garganta. Pequenas gotas de lágrimas brotaram teimosas de seus olhos tímidos...

Não queria estar ali. A vergonha e a raiva lhe inundaram a alma como um ‘tsunami’ ataca a costa marinha. Ecos de risinhos ainda soavam pelos cantos vindos das asquerosas bocas dos enfermeiros.



- Está tudo bem amigo? – Arriscou Luiz estendendo a mão para o parceiro.

Mas antes que pudesse alcançá-lo, Lucas se levantou cabisbaixo e se retirou do recinto. Não olhou pra ninguém, não sabia onde enfiar a cara...

Luiz nem terminou sua refeição, pegou mais um pão com a cozinheira, outro copo de café, e foi até o quarto do amigo.

Bateu na porta.

Ninguém respondeu...

Entrou mesmo assim.

Lucas chorava copiosamente, sentado em sua cama, com as mãos no rosto. Deixando o café da manhã na escrivaninha, Luiz, sentou-se ao lado do velho.

- Está tudo bem! – Lhe afagou as costas curvadas e tristes. – Escute. Não fique assim... Isso tudo vai passar...

- Quando? – Respondeu Lucas entre soluços constrangedores. – Quando velho?

- Não sei... Mas Deus é justo e não deixará que isso prossiga por mais tempo. Algo vai acontecer para punir aquele imbecil.

- Não sei não... Este tormento já dura anos. – Encarou o colega. – Se fosse só comigo seria até mais aceitável... Mas todos nós passamos por isso todos os dias. Será que é mesmo o que agente merece depois de envelhecer? Daria tudo que tenho para me tornar jovem e arrebentar aquele escroto! – Socou o lado do colchão com fúria.

- Tem razão... Mas vamos mudar de assunto... – Luiz se levantou e pegou o copo de vidro com o café com leite, o pão com manteiga, e ofereceu ao melancólico amigo...

– Tome. Vê se come, não vai adiantar nada fazer regime por conta disso!

- Não estou com fome agora, deixe por aí... Mais tarde eu como.

- Então velho... Me conte sobre o gato...

Um tanto a contra gosto Lucas se levantou e foi até um canto do quarto, abaixou-se, e quando se levantou segurava uma tigelinha com restos de leite e pedacinhos de pão.

- Olhe aqui o que deixei pra ele hoje de madrugada!

- Como conseguiu isso?

- Tive que pegar escondido, não quis arriscar a simpatia da cozinheira... Talvez ela contasse para alguém...

- Fez bem. Fez bem mesmo... – Olhou repetidas vezes ao redor.

- Ele se foi... – Adivinhou o que Luiz procurava. – Não sei se vai voltar. Mas se dependesse de mim, aquele gato não iria embora nunca mais...

- É mesmo bom ter um bicho de estimação. Eu mesmo já tive uma cacetada de cachorros. São excelentes amigos. Pode acreditar...

- Mas não só por isso velho. – Lucas deixou a tigela onde estava e voltou-se para Luiz. – O que aquele gato é capaz de fazer é inacreditável... Na

verdade é tão fascinante que eu não ligaria a mínima em ser chamado de louco.

- Então me conte homem... – Riu Luiz ajeitando o chapéu.

Usando um banquinho de madeira Lucas se sentou à sua frente, e contou-lhe tudo. Desde o aparecimento do gato até o tal fato inacreditável. E se querem minha opinião, quando ouvi a história pela primeira vez, embora a incredulidade, eu quis aquele gato pra mim... Mas se ele realmente existiu... Bem, isso eu não posso garantir... Ainda tenho minhas dúvidas.

- Foi quando peguei no sono a coisa toda começou. – Iniciou Lucas o seu relato ao amigo atento. – Me deitei achando que o gato havia há muito dormido. Mas por um acaso escutei um miado agudo assim que preguei os olhos!

...

Ergui-me da cama e o espiei. Dava pra ver bem, a luz da rua ilumina bastante aqui de noite. Na hora quase tive um treco. Esfreguei meus olhos tanto que chegou a doer, isso pelo menos me poupou de uma boa beliscada, como dizem... Achei que estava sonhando... Mas juro que não estava. O gato estava abrindo e fechando a gaveta de minha escrivaninha... – Acenou com a cabeça notando o espanto do amigo ouvinte. - Depois disso, além de deixá-la fechada, se dirigiu ao meu guarda roupa e fez o mesmo com as gavetas que alcançava. Eu não conseguia tirar os olhos daquilo.

Foi quando eu espirrei. Justamente no momento em que ele voltava pra onde estava. O gato parou e me encarou com aqueles olhos penetrantes. Apesar de espantado, sorri.

- Como vai? – Perguntei ainda não acreditando no que meus olhos viam.

- Estou bem, obrigado! – Ele respondeu. ‘Ele respondeu...!’ O gato falou!

Pensei que iria ter um treco ou algo do tipo, mas não consegui parar de sorrir. Talvez, no fundo no fundo, eu ainda achasse estar dormindo. O bichano subiu na cama e ficou sentado encima das minhas pernas estendidas sob o cobertor. Voltou a falar:

- Obrigado por me acolher, meu senhor. Tenho votos que tal boa alma seja gratificada em breve. – E fez uma mesura. Abaixou a cabeça e tornou a me olhar.

Gaguejei, mas consegui falar:

- Ora. – Ri bastante. – Não há de quê, amiguinho...

- Pode chamar-me de Dimas, embora isso não signifique que amigo eu não seja para o senhor! – A voz dele saía limpa e áspera ao mesmo tempo. Não saberia explicar isso melhor. Estava falando, mas ainda assim, *era voz de gato*. E dos educados...

- Tudo bem, Senhor Dimas, se preferir assim... – Disse eu estendendo-lhe a mão.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

